Educação brasileira: dos anos dourados à década perdida?

O editorial do v. 9, n. 1, traz uma assertiva com a qual iniciamos este texto de apresentação deste número de *Eccos* que se aventurou a discutir um período não só rico de produção teórica da história educação brasileira, mas também de controvérsias nas explicações teórico-metodológicas e práticas do fazer pedagógico no Brasil. Conclui Bauer que:

> Nos últimos anos temos presenciado uma considerável e consistente expansão das pesquisas sobre a história da educação brasileira, o debate tem propiciado a busca de novas fontes e temáticas, e a discussão teórico-metodológica se mostra cada vez mais importante e está longe de ser negligente com as questões próprias da historiografia e das diferentes formas de pensar o seu objeto – o homem. O homem que inventa a educação como possibilidade de mediação e estabelecimento de relações sociais; o homem e suas realizações culturais; o homem e a sua busca permanente, no tempo e no espaço, no cotidiano de suas práticas políticas ou laborais, no interior de suas instituições ou diante da barbárie, de humanização do mundo que o acolhe. (BAUER, 2007, p. 12).

Em verdade, referíamo-nos às múltiplas reflexões surgidas entre 1960 e 2000, período que podemos definir como constituição de um *canon* nos estudos sobre a história da moderna educação brasileira, em especial a reflexão sobre as fontes, métodos e análise historiográfica.

Para fazer justiça ao que aqui estamos chamando de "classicismo contemporâneo", devemos nos reportar à ausência de estudos que pudessem aprofundar a concepção estritamente histórica de tradição sócio-historiográfica promovida pela geração anterior de pensadores brasileiros. Para tal esforço, não é possível realizar sem que se conheça a importantíssima contribuição de autores como Luiz Antônio Cunha, Jorge Nagle, Mirian Jorge Warde, Carlos Jamil Cury, Dermerval Saviani, Otaíza de Oliveira Romanelli, Casemiro Reis Filho e Clarice Nunes. Por outro lado, podemos indicar que, posteriormente, tal postura historiográfica foi, sobremaneira, beneficiada pela criação, em 1986, no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil", ou como acabou ficando mais conhecido, o Histedbr[1]. Segundo depoimento do professor José Claudinei Lombardi, o Zezo,

1 HISTEDBR. *Navegando na história da educação brasileira*.

> [...] a denominação 'História, Sociedade e Educação no Brasil' foi escolhida por duas razões: de um lado, buscou-se uma denominação suficientemente abrangente para acolher a diversidade de temas dos projetos de tese dos alunos, não se limitando aos estudos específicos tradicionalmente classificados na disciplina História da Educação; de outro lado, procurou-se definir um eixo que sinalizava a perspectiva de análise aglutinando investigações que estudassem a educação enquanto fenômeno social que se desenvolve no tempo. Assim, o termo 'sociedade' aparecia como mediação entre 'história' e 'educação' sugerindo que a História da Educação seria entendida em termos concretos, isto é, como uma via para se compreender a inserção da educação no processo global de produção da existência humana, enquanto prática social determinada materialmente. Buscava-se, por esse caminho, superar a visão tradicional da história da educação centrada nas idéias e instituições pedagógicas. Ficava indicado, pois, que o enfoque considerado mais adequado

> para dar conta dessa perspectiva de análise se situava no âmbito do materialismo histórico, quer dizer, a concepção dialética tal como delineada pelas investigações levadas a efeito por Marx as quais tiveram continuidade na obra de seus seguidores com destaque para Engels, Lênin, Lukács e Gramsci. Isso, obviamente, sem desconhecer a possibilidade e eventuais contribuições de outras formas de investigação histórico-educativa. (HISTEDBR).

Sabe-se, com efeito, que a perspectiva dialética de base marxista logrou significativa penetração no campo educacional no Brasil durante a segunda metade da década de 1970 e ao longo dos anos 80 do século XX. Nesse contexto, uma das possibilidades traduzida na proposta de alguns integrantes era que o grupo se constituísse numa referência nacional para os estudos marxistas da educação, buscando articular os pesquisadores da educação de todo o país interessados em trabalhar nessa perspectiva.

De fato, isso acabou acontecendo com a realização de diversos e ininterruptos seminários, encontros e jornadas nacionais de pesquisas e, principalmente, com a aglutinação de um sem-número de pesquisadores que se encontravam espalhados por todos os cantos do país e que foram os responsáveis por uma significativa e qualitativa produção acadêmica comprometida com uma melhor compreensão da história da educação brasileira desde o período colonial, passando pelo monárquico, até chegar ao republicano.

Poderíamos concluir que o "desaguar" dessas "muitas águas" repercutem, hoje, em quase a totalidade das pesquisas que se mostram preocupadas em aprofundar ou mesmo produzir novas questões na área da história da educação, no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Educação e, em especial, no GT de História da Educação, da Anped, que tem, entre outras coisas, propiciado uma série de inquietações de ordem teórica e metodológica que nos fazem refletir sobre o significado do fazer a história, da prática e das temáticas do historiador da educação que não são aquelas próprias do mili-

tante, mas que exigem uma formação cada vez mais erudita e disciplinada na construção do seu ofício.

Educação brasileira, 1960 – 2000: itinerários históricos e filosóficos, tema que este volume de *Eccos* buscou abordar com a maturidade que seus nove anos de existência lhe facultam, trata de um contexto da realidade brasileira que, para ambos os aspectos da base teórica da Educação, foi, em verdade, o "calcanhar de Aquiles".

Os anos 1960 iniciam com a crise dos ideais da Escola Nova na busca de transformação do processo educativo e toda a discussão daquilo que vem a ser a crítica feita por Saviani e outros à pedagogia tecnicista, embalada, posteriormente, pelos acordos MEC-USAID, do governo militar.

Entre duas leis de Diretrizes e Bases da educação brasileira se situa um itinerário histórico filosófico dos mais interessantes que nossa história, até aqui, registrou. As concepções pedagógicas e as filosofias que a sustentavam, retiraram-nos de uma história da educação como disciplina embasada no método da história tradicional e nos lançaram a uma "nova" perspectiva historiográfica que pensava o fato educacional em sua relação com a sócio-história. As idéias pedagógicas, Saviani as traduz como idéias educacionais – por isso, cremos que se possa falar de uma história do pensamento pedagógico – não em si mesmas na forma como se encarnam no movimento real da educação, conforme indica Saviani[2], mas orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa. O autor usa a palavra 'pedagogia' e, mais particularmente, o adjetivo "pedagógico" porque têm marcadamente ressonância metodológica e indicam o modo de operar, de realizar o ato educativo.

O contexto histórico que abarca este volume de *Eccos* (1960-2000) é interpretado por Saviani (2007), na última parte do livro, como o período da existência de uma pedagogia produtivista, dando seqüência às análises anteriores[3], nas quais discorria sobre a perspectiva histórico-filosófica do pensamento pedagógico que se expressava em varias correntes da educação brasileiras – as

2 SAVIANI (2007). Cf. sinopse na apresentação da editora, disponível em: <http://www.autoresassociados.com.br/release/>, do seu mais recente livro: *História das idéias pedagógicas no Brasil*.

3 SAVIANI, 2004, 2005a e 2005b.

concepções pedagógicas tradicional, nova, tecnicista, crítico-reprodutivista e a atual neoprodutivista.

Entendemos que a obra citada, de Saviani, coroa o contexto histórico analisado, uma vez que se inspira nos diversos enfoques históricos das idéias no Brasil, mas, especialmente, revelam uma sustentação de base filosófica na narrativa e na hermenêutica da história da educação no País entre os anos 1960 e 2000.

Assim, para marcar essa trajetória, finalizamos este número de *Eccos* com a contribuição de diversos colegas que exploraram, de maneira mais contundente, os itinerários da filosofia no campo educacional. Iniciamos com a interessante revisão que faz o professor Silvio Gallo (Unicamp) sobre o campo. No artigo, traça um mapa da constituição da disciplina filosofia da educação no Brasil, especialmente entre as décadas de 1970 e 2000. Em seguida, dedica-se a repensar a filosofia da educação a partir da noção de Filosofia proposta por Deleuze e Guattari. É muito bem-vinda sua crítica às noções correntes no Brasil, que compreendem a filosofia da educação como "reflexão sobre problemas educacionais" ou como um dos "fundamentos da educação". Conclui, propondo uma filosofia da educação criativa, que exercite a criação conceitual e ultrapasse o viés da história do pensamento filosófico ocidental.

O artigo seguinte, "Conteúdos nas pesquisas e no ensino da Filosofia da Educação no Brasil", da lavra de Cleide, Queiroz e Lorieri, expertos no ensino da disciplina desde os saudosos tempos do "ciclo básico", na PUC-SP, retoma o problema da configuração dos focos da pesquisa e do ensino da Filosofia da Educação, defendendo a definição por temas que lhe são próprios e que resultam de configurações que se dão na prática histórica da educação. Os autores defendem também que tal prática envolve temáticas já configuradas que devem ser, constantemente, retomadas na busca de sua contínua ressignificação, sem prejuízo da necessária configuração de novas propostas. Apresentam sínteses de proposições, indicadas ou sugeridas por três pensadores brasileiros da área, como caminho para suscitar o debate sobre o tema, e

concluem, indicando que os temas (novos e os já consagrados) de pesquisa e de ensino são construções necessárias para definição do campo dessa área.

O terceiro artigo, de M'hammed Mellouki e Clermont Gauthier, da Université Laval (Québec, CA), traz ao debate, numa perspectiva histórico-filosófica, a abordagem da competência. Nele, seus autores passam em revista as principais definições que estão em voga, em especial nas discussões sobre a formação por competência no universo das políticas educativas e nos desdobramentos nos programas escolares. Fechando esse bloco de discussão de cunho mais filosófico, o quarto artigo, de autoria do professor Humberto Pereira da Silva (FAT-Osasco), amplia a problemática da filosofia da educação, partindo das categorias de linguagem e estética (Wittgenstein) e sua relação com o ensino da arte na escola, tendo como parâmetro os PCNs.

Concluímos esse assunto com perspectiva filosófica da existência de uma década perdida, lendo a análise de André Ferreira (UFPE) sobre as lutas e esperanças da educação nos anos 1980, em meio à diversidade do pensamento pedagógico, período que, mesmo demarcado pela hegemonia do ideário gramsciano, foi plural em formulações pedagógicas, o que, por si só, pode trazer um questionamento da "perspectiva"de que estamos diante de um tempo perdido! O panorama de idéias filosófico-pedagógicas da época é composto, além dos gramscianos, por frankfurtianos, fenomenólogos-existencialistas, freirianos e católicos progressistas.

Os artigos que seguem, percorrendo o itinerário histórico, apresentam uma variedade de análise que enriqueceu, sobremaneira, este número de *Eccos.* Iniciamos este ciclo com o artigo de Celso Carvalho, "O simpósio 'A educação que nos convém: o IPES e a ação político-ideológica da burguesia na década de 1960'". Nele, o autor apresenta, em perspectiva histórica, a relação universidade – empresa, com base no itinerário percorrido por uma instituição orgânica da burguesia, fundada em 1961: o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), mostrando-o como parte de um movimento maior da burguesia e sua influência na definição das políticas públicas para trans-

formar a universidade em um espaço próximo aos interesses da indústria. Em seguida, Neusa Batista (UFRGS) discute a relação entre a formação do Estado brasileiro e a gestão de políticas educacionais na atual conjuntura da sociedade capitalista no Brasil, discussão fundamentada na idéia de que, em nosso país, as representações sociais sobre gestão pública trazem a marca do colonizador. A autora argumenta que esse fenômeno sociopolítico e cultural bem como a atual conjuntura do capitalismo em âmbito global, mais precisamente a influência da gestão do tipo empresarial no setor público, têm trazido entraves para a prática do princípio constitucional de gestão democrática do ensino público.

Sarmiento e Jardilino introduzem, para o publico brasileiro, a história do movimento de alfabetização na Colômbia, em especial na província de Boyacá, por meio da Ação Cultural Popular gerada da filosofia do movimento pedagógico de educação popular. Buscam conexão nos dados da pesquisa sobre esses movimentos para responder à pergunta sobre a relação no quesito da filosofia de educação que guarda esse movimento e os de alfabetização atuais. Concluímos esse bloco com a análise histórica da formação de professores na busca da construção de sua identidade profissional, por meio da análise de uma experiência investigativa, com a qual nos brinda o professor René Rickenmann, da Universidade de Genebra.

Finalizamos os itinerários da educação brasileira entre 1960 e 2000 com dois provocantes ensaios: o de Pedro Mubarac Sobrinho, da Universidade Estadual do Amazonas, que traz à baila uma discussão pouco debatida nos números anteriores de Eccos. Trata-se da questão de crianças indígenas, sua formação, organização social e sua mobilidade no mundo urbano. O autor faz um itinerário histórico, em diálogo interdisciplinar com as ciências, do social, das trajetórias educacionais das crianças na região amazônica. O ensaio Wilson Francisco Correia (Unicamp), discute a história atravessada da disciplina de moral e cívica no auge do regime militar.

Esperamos que este número de *Eccos* contribua para o debate de nossa tão jovem historiografia brasileira e que o itinerário filosófico analisado pelos autores possa dar bases para a redefinição do campo da filosofia da educação, na justa medida que este novo século demanda, exigindo de nós a capacidade de produzir um horizonte de profundas transformações sociais e educacionais, mas que precisam ser fertilizadas e irrigadas, permanentemente, pelas linhas reflexivas que a história e a filosofia produzem.

Boa leitura

José Rubens Lima Jardilino
Carlos Bauer
Editores

Referências

BAUER, C. Educação brasileira – itinerários históricos e filosóficos. *Eccos – Revista Científica*, São Paulo, v. 9, n.1, p.11-14, jan./jun. 2007.

HISTEDBR. *Navegando na história da educação brasileira.* 1 CD ROM. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/index.html>.

SAVIANI, D. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. *Escola e democracia*. 38 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____. *Educação*: do senso comum à consciência filosófica. 16. ed. Campinas, Autores Associados, 2004.

_____. *Educação brasileira*: estrutura e sistema. 9. ed. Campinas, Autores Associados, 2005a.

_____. *Pedagogia histórica-crítica*: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas, Autores Associados, 2005b.